

Universidade Federal do Rio de Janeiro - Escola de Belas Artes - Comunicação Visual Design

Pedro Chavarria Cabral

As histórias do Rio de Janeiro em marcas de resistência e mudança.

Projeto e Monografia de Graduação em Comunicação Visual Design
Rio de Janeiro: 2022

Pedro Chavarria Cabral

As histórias do Rio de Janeiro em marcas de resistência e mudança.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Visual Design.

Aprovado em: 12/09/2022

Jofre Silva
(Orientador)

Montgomery Oswaldo Miranda
(Examinador externo)

Raquel Ferreira da Ponte
(Examinadora interna)

CIP - Catalogação na Publicação

C117h Cabral, Pedro Chavarria
A história do Rio de Janeiro em marcas de
resistência e mudança / Pedro Chavarria Cabral. --
Rio de Janeiro, 2022.
101 f.

Orientador: Jofre Silva.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Comunicação Visual Design,
2022.

1. Design. 2. Fotografia. 3. História. 4.
Geografia. I. Silva, Jofre, orient. II. Título.

Agradecimentos

Dedico este projeto, que foi construído pela minha vontade de contar histórias, aos meus avós, que tanto me ensinaram sobre essa prática e sobre a nossa cidade. Agradeço aqueles, sem os quais, toda essa formação não seria possível. Aos professores que sempre me incentivaram a pesquisar e me mostraram novas formas de ver o ensino. Sobretudo ao Montgomery Hinke, meu eterno professor de História e ao Henrique Pinto, meu eterno professor de Geografia, que se dispuseram a me ajudar com a pesquisa e os textos do trabalho. Ao meu orientador Jofre Silva, que trabalhou e acreditou no meu projeto durante anos e à co-orientadora Raquel Ponte que me incentivou a buscar o que eu gostava dentro do Design. Agradeço a todos os amigos, familiares e outros, que de alguma forma estiveram envolvidos na árdua tarefa de dar suporte a toda a minha formação. Em especial aos meus colegas de curso, Rafael Alves e Raquel Zilves, que compartilharam suas experiências comigo, Milena Trovão e Camila Sá pelas suas consultorias e suporte técnico, a Paula e Mariana, funcionárias do Arquivo Nacional que me auxiliaram com a pesquisa, a minha mãe, Marisol e minha namorada, Beatriz, que estiveram presentes em diferentes etapas do processo facilitando minha conclusão e me mantendo persistente.

Resumo

O Rio de Janeiro se destaca pela sua diversidade, seja na cultura ou em sua estrutura. Isso é resultado de diferentes revoluções político-sociais, que ocorreram ao longo de sua história. Durante esses anos, marcas desses processos foram deixadas em espaços da cidade, misturando o novo e o antigo. Esse projeto visa resgatar camadas de diferentes épocas e culturas e contar suas histórias. Através da fotografia, por um olhar pessoal da cidade, procuro explicar a ressignificação de paisagens e monumentos para demonstrar as belezas e histórias ocultas por trás dos espaços analisados. Para permitir que cada um trace sua própria jornada de descobrimento, as obras e pesquisas foram reunidas em um livro para facilitar o acesso dos leitores.

Palavras Chave: Fotografia, Design editorial, rugosidade, interatividade, urbanismo.

Abstract

Rio de Janeiro stands out for its diversity, either in the culture or in its structure. This is the result of different political-social revolutions, that have taken place throughout its history. During these years, marks of these processes were left in spaces of the city, mixing the new and the old. This project tries to rescue layers of different times and cultures and tell their stories. Through photography, by a personal view of the city, I try to explain the resignification of landscapes and monuments to demonstrate the beauties and hidden stories behind the analyzed spaces. To allow each one to trace their own journey of discovery, the works and research have been brought together in a book for easy access for readers.

Keywords: Photography, editorial design, rugosities, interactivity, urbanism.

Sumário

1. Introdução	9
2. O contexto histórico	12
2.1 As rugosidades	18
3. Os aspectos de resistência e mudança	24
3.1 A subjetividade dos espaços: particularidade e significados	28
3.2 O lugar sem lugar, as Heterotopias	31
3.3 Territorialidade e lugar	34
4. O ensaio: visões do mundo e registros do tempo	37
4.1 O olhar fotográfico do indivíduo	40
4.2 As influências das imagens	46
4.3 A construção das imagens	52

Sumário

5. Design editorial: o e-book	57
5.1 Os vídeos	60
5.2 A estrutura da publicação	63
5.3 Grid	66
5.4 Questões técnicas do e-book	71
5.5 As cores	73
5.6 Tipografia	78
6. Memorial de práticas	81
6.1 Resultados preliminares	82
6.2 Práticas	84
6.3 Referências Visuais e inspirações	89
7. Considerações finais	96
8. Bibliografia	98

1. Introdução

Este projeto de TCC foi feito para repensar espaços urbanos através da fotografia e explorar as histórias e o papel dos mesmos para a identidade do Rio de Janeiro. Após algum tempo de pesquisa e experimentação no laboratório PHADEC da UFRJ, pude perceber como um espaço ou monumento tem uma ampla gama de significados para cada indivíduo ou grupo social. A partir disso, e percebendo a importância daqueles lugares para as pessoas, desenvolvi um projeto de preservação da memória dos lugares, contando suas histórias e mostrando minha visão sobre os mesmos através da fotografia e vídeo.

A fotografia pode estar presa à sua condição de representar a realidade fielmente, sobretudo com cidade que é um tema que não posa para foto, isto é, não pode ser deslocado para outro cenário ou manipulado em um ambiente controlado. No entanto, a fotografia é o olhar de quem a faz, uma forma de ver pelos olhos de quem a fez, entrar em contato com as idéias do autor e ver o objeto fotografado sob sua perspectiva (BARTHES, 2018). É dessa forma que a linguagem fotográfica evoca sensações a partir dos processos de subjetivação do autor e do espectador.

Analisando esses espaços, segundo o pensamento de Foucault (2013), observei os objetos tratados como organismos em movimento dentro da cidade. A partir dessa premissa, analisei como e porquê um ambiente e seus equipamentos resistiram às intempéries ou o que foi feito para que mudassem e fossem ressignificados. Esses lugares e seus processos de transformação criam relações únicas com indivíduos e grupos, assumindo formas e funções que abarquem as necessidades ou vontade daquele momento (FOUCAULT, 2013). São essas particularidades que investiguei e retratei através da fotografia, textos e vídeos, compilados no material gráfico do livro digital.

A construção da estética visual parte de referências artísticas como Alfred Stieglitz e documentais como Augusto Malta, mostrando o tom diverso da produção. A narrativa vem de diversas fontes de diferentes campos como músicas, poemas, estudos geográficos, observações pessoais e instintos. Tudo que pudesse gerar apelo pela cena e pela história por trás daquilo foi contemplado na produção. Para acentuar a visão plástica, as imagens passaram por tratamentos de pós-produção, que, a partir de técnicas de design, puderam potencializar os elementos desses espaços.

Para reunir todas as histórias dos ambientes e monumentos, as fotografias e a pesquisa necessária para contextualizar as questões de resistência e mudança, foi desenvolvido um livro digital. A escolha pelo formato de *e-book* se deve à facilidade na navegação entre os diversos materiais que compõem cada capítulo, como hiperlinks e vídeos. Assim, é possível incentivar a exploração dos temas de forma independente, através de conteúdo interativo, além de ser uma mídia com acesso mais fácil e barato para toda a população. O livro também reúne imagens de arquivo da Biblioteca Nacional, Arquivo Nacional e outros acervos, além de textos desenvolvidos por outros autores, que ajudam a explicar as origens e transformações de cada objeto abordado.

2.

O contexto histórico

O Rio de Janeiro esteve no centro de movimentos políticos e culturais por séculos e esses foram fatores primordiais para construir o que conhecemos hoje como a cidade do Rio. Esse ritmo constante de transformações deu à cidade um repertório de experiências que poucas outras regiões no mundo têm. Mesmo que haja territórios que tenham sediado eventos históricos grandiosos e de alta relevância global, poucos enfrentaram uma sucessão de diferentes tipos ao longo dos anos.

Entre alguns desses eventos na cidade do Rio se destacam:

- A colonização e desbravamento do território da então cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e os conflitos com povos indígenas desde 1502.
- As lutas contra ocupações estrangeiras, sobretudo de franceses em meados do século XVI.
- A chegada da corte em 1808 e a elevação do Brasil ao reino unido de Portugal, sendo o Rio capital desse reino.
- Após a declaração de independência, o Rio passa a ser capital do império brasileiro em 1822.
- O Brasil passa a ser república e como capital desse novo modelo político, o Rio precisa substituir símbolos dessa nova fase em 1889.
- O grande conjunto de reformas do início do século XX, conhecidas como as reformas de Pereira Passos, buscam higienizar a cidade e aproximá-la de um ideal europeu parisiense.
- As revoltas militares durante o segundo império transformaram alguns bairros da cidade em praças de guerra ainda no início do século XX.
- A era Vargas se inicia na década de 30 e o fomento à indústria acelera o crescimento da cidade e da população, muitas vezes desordenadamente.
- Após a construção de Brasília na década de 50-60 a cidade do Rio passa a ser estado da Guanabara e perde o título de capital do país.
- A ditadura militar em 1964 reprimiu e perseguiu opositores pelas ruas da cidade, invadiu e saqueou construções. Também houve protestos e manifestações populares que tomaram as ruas da cidade.

- As políticas da nova república encaram os problemas de uma cidade partida, violenta e hostil, ao mesmo tempo que tentam transformá-la em atração turística no fim do século XX.
- As obras para a copa de 2014 e as olimpíadas de 2016 revitalizam áreas esquecidas, desenterram lembranças de um Rio de várias épocas e traçam novos caminhos de desenvolvimento para a capital do estado.

Esses são alguns dos exemplos de movimentos que mexeram com a identidade e estrutura da cidade. Havia outros de grande relevância que poderiam ser destacados em uma detalhamento histórico mais aprofundado, no entanto, os apresentados aqui, são os que mais exerceram influência sobre as paisagens fotografadas e as reflexões levantadas no livro. As fotos e os capítulos do e-book foram elaborados pensando em três grandes fases dessas transformações, onde há correlação entre obras e movimentos da sociedade.

Essas fases são:

1ª fase: Nasce o Rio de Janeiro

O início do desbravamento da cidade, as estruturas e definições básicas da cultura carioca (Séculos XVIII e XIX).

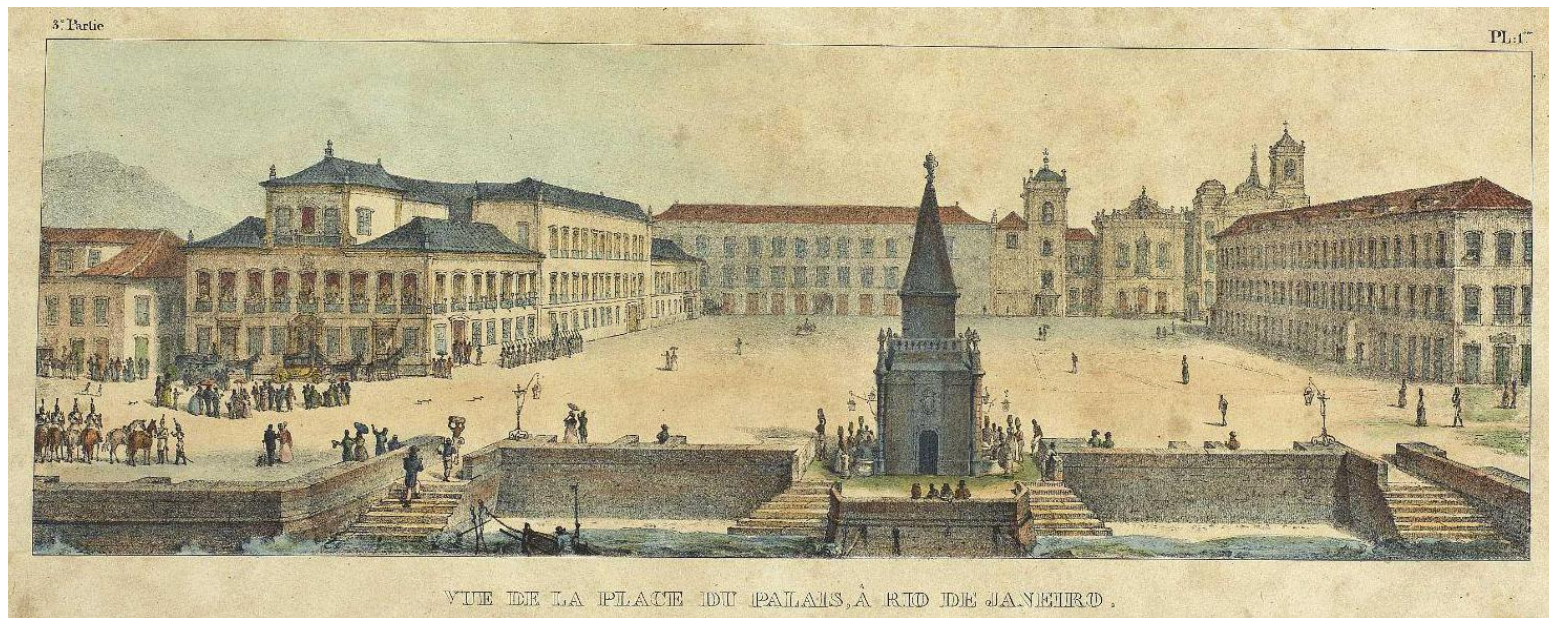


Figura 1 - Gravura do largo do paço, Thierry Frères, 1839.

Fonte: Biblioteca Nacional

2ª fase: Cidade em ascensão

O Rio passa por uma revitalização para se equiparar a cidades de primeiro mundo (Séculos XIX e XX).



Figura 2 - Foto da Av. Rio Branco, Augusto Malta, séc XX.

Fonte: Biblioteca Nacional

3ª fase: O futuro que queremos

As novas obras que resgatam as memórias da cidade e uma reflexão de para onde queremos ir e como caminhamos até agora (Séculos XX e XXI).



Figura 3 - Boulevard olímpico, 2021

Fonte: Fotografia própria

2.1 As rugosidades

Quando uma cidade é planejada, sua estrutura é feita a partir de um molde e implementada para suprir as necessidades da região por um longo período. Sendo assim, poucas adaptações precisam ser feitas e não vemos muitas mudanças na paisagem daquele local. Um exemplo disso é Brasília, que não precisou sofrer grandes intervenções posteriores à sua construção. Em cidades onde o crescimento urbano é desordenado, como no Rio de Janeiro, é mais comum presenciarmos substituições de estruturas ou a coexistência de outras. Mesmo que tenham ocorrido grandes reformas planejadas, elas foram pontuais e aconteceram para tentar colocar a cidade minimamente “nos trilhos”, após anos de negligência e caos.

De todo modo, as consequentes transformações criam marcas, não só concretas e visíveis, mas também nas práticas sociais da cidade, que não são inicialmente visíveis nas fotografias, mas ajudam a definir o olhar fotográfico. À essa noção de tempos diversos em um mesmo espaço, damos o nome de *rugosidade*, termo cunhado pelo geógrafo Milton Santos, segundo explicam Sabino e Simões (2013). Quando caminho pela cidade, me deparo com estruturas do passado que me mostram mais do que a aparência das mesmas, apresentando também, a dinâmica social na qual aquele espaço estava inserido. Um exemplo para esse fenômeno é a paisagem do Largo da Carioca, onde observamos três épocas em um mesmo enquadramento; os prédios modernos do milagre econômico, o convento de Santo Antônio da era colonial e o largo reformado no início do séc XX (figura 4).

Fenômeno possível de ser observado ainda na paisagem dos arcos da Lapa (século XVIII) e os prédios ao fundo (século XX) (figura 5).



Figura 4 - Largo da carioca, 2021

Fonte: Fotografia própria



Figura 5 - Arcos da Lapa, 2021

Fonte: Fotografia própria

Tudo que não foi preservado foi substituído, sempre trazendo à reboque ideologias e interesses daqueles que comandaram esses processos. Algumas vezes essas substituições não são tão claras, pois elementos das antigas construções são usados como inspiração para as novas. É o caso do VLT (veículo leve sobre trilhos) (**figura 7**) que hoje atua na região central da cidade e se assemelha ao antigo bonde (**figura 6**), restrito ao bairro de Santa Teresa. Embora haja semelhança entre os dois, suas funções são distintas e mesmo o bonde atua de forma diferente de quando foi inaugurado.



Figura 6 - Bonde Santa Teresa, 2021

Fonte: Fotografia própria



Figura 7 - VLT, 2021

Fonte: Fotografia própria

Segundo o Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, foi a partir dessas misturas de diferentes ambientes e culturas que a cidade se desenvolveu e foi moldada (CAU, 2012) . Isso abriu espaço para análises técnicas e celebrações artísticas de todos os tipos, o que rendeu à cidade o título de Patrimônio Mundial como Paisagem Cultural da Humanidade pela UNESCO em 2012 (disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/1100/>).

Essa excentricidade por si só já seria um convite a explorar a estética fotográfica pela cidade, no entanto, o conjunto de obras deste TCC também atua como preservação e memória. Assim é possível ajudar a preservação dessas rugosidades por meio de imagens e auxiliar no acesso à informações dos objetos explorados.

3. Os aspectos de resistência e mudança

Para compreender o que é apresentado pela fotografia do e-book é necessário perceber as dualidades que compõem as cenas dos períodos, destacados no capítulo anterior. No entanto, cabe também perceber o aspecto social, as funções de cada objeto e como ele impacta seu entorno no dia a dia. É nesse contexto que o que resiste e o que muda passam a formar um contraste não apenas físico e visual, mas criam, também, uma reflexão acerca das dinâmicas e relações do indivíduo com a cidade, por serem a expressão de diferentes momentos e tempos.

Resistência é um movimento de manutenção da forma e função de um espaço ou objeto. Algumas coisas resistem por coincidências do tempo, outras precisam de defesa por anos, pois estão sempre sob algum tipo de ameaça. Embora haja leis para proteção de patrimônios em todo o país, a fiscalização e manutenção desses, às vezes, não é feita da maneira mais adequada, deixando-os à mercê do destino. Isso pode ser notado com o acontecido no Museu Nacional em São Cristóvão, que foi destruído após um incêndio em 2018, e o Solar Del Rei em Paquetá, casarão de arquitetura única que está sendo deteriorado após anos de abandono, e diversos outros monumentos e fachadas pela cidade. Estar em contato com monumentos que resistiram é uma forma de estar em contato com a própria história. Contar seu passado através da fotografia é uma maneira de ajudar a preservar esse passado.

Mudanças são sempre vistas com desconfiança. É difícil sair de algo que conhecemos e desbravar o novo. Muitas vezes essa desconfiança foi um fator de atraso para obras e políticas públicas na cidade. Pode-se observar isso recentemente nas reformas para as olimpíadas de 2016. Algumas intervenções pouco ortodoxas foram criticadas, como o fechamento de um dos sentidos da Av. Rio Branco para passagem do VLT e a destruição do viaduto da perimetral para revitalizar o porto, foram vistas com desdém por parte da população. No entanto, essas reformas se mostraram valiosas em vários aspectos dentro do cenário carioca, inclusive para preservação e recuperação da memória de alguns pontos.

Há também um aspecto misto de resistência e mudança em alguns objetos. Por exemplo, o Chafariz do Mestre Valentim **(figura 8)** é um representante da resistência, pois mesmo depois de perder sua utilidade não foi substituído, nem repensado, e resistiu a diversas intervenções no local. Antes servia como ponto de abastecimento de navios e hoje serve como ponto turístico e marco da história carioca (SILVA, 2014). Por outro lado, o sistema de transportes do VLT é a mudança do antigo sistema ferroviário de bondes e também do sistema rodoviário que interligava a região central da cidade. A junção dos dois aspectos, resistência e mudança, ocorre quando o objeto mantém sua forma, mas altera sua função para permanecer dentro da paisagem e funcional. Vemos isso com as diversas fábricas do subúrbio que hoje servem de abrigo para lojas, estacionamentos e outros **(Figura 9)**.



Figura 8 - Chafariz Mestre Valentim, 2021

Fonte: Fotografia própria



Figura 9 - Extra Boulevard, antiga fábrica de tecidos, 2021

Fonte: Fotografia própria

3.1 A subjetividade dos espaços: particularidades e significados.

A história de um espaço está conectada à atividade de cada indivíduo ou grupo social, sua bagagem cultural e memórias afetivas. Os espaços são, em geral, mutáveis, não apenas sobre o aspecto físico, mas também sobre suas funções. As demandas da sociedade moldam o espaço, ajudando a definir sua dinâmica, tornando-o flexível em sua geografia. Sua importância está vinculada às práticas sociais, contrariando o padrão esperado de ambientes palpáveis.

É dentro de eventos e do cotidiano que adaptamos nosso ambiente de convívio. Seja a ampliação de uma rua para passagem de carros, ou a derrubada de um viaduto para abertura de uma área de lazer. Buscamos construir uma relação íntima com os espaços de forma que sejam agradáveis ou úteis aos nossos propósitos. Nem sempre a ação deixará marcas visíveis na estrutura do local, sendo percebidas pelas relações de poder e identidade.

No entanto, essa interação espaço-indivíduo, atinge os dois lados, ou seja, o que fazemos influencia na manutenção daquele espaço e também somos influenciados pela forma física dos ambientes que frequentamos. Sendo assim, cada largo, igreja, estátua etc será vista de forma diferente por cada pessoa, pois sua história definiu uma visão particular sobre aquele monumento, baseada na relação que foi desenvolvida com ele. Nesses casos podemos afirmar que, o imaginário coletivo que se tem sobre um objeto é superficial e secundário, pois é substituído por essa relação particular construída entre indivíduo e espaço (FOUCAULT, 2013).

Essas particularidades são expressas de diversas formas. Há quem faça campanhas, comícios, grafite, músicas e outras formas de apelo para exaltar a relação ou buscar transformações. A fotografia se insere nesse cenário como um modo de registro visual buscando captar esse tráfego de sensações e gerar outras, pela percepção e reflexão. É um convite à subjetividade gerando significados ao visitar o espaço, fazendo-o seu por suas vontades e funcional à sua maneira.

3.2 O lugar sem lugar, as Heterotopias

O pensamento filosófico trata os ambientes de diversas formas. Para o presente estudo, Michel Foucault em seu texto do *Corpo Utópico* (2013) aponta o norte para entender a relação com o espaço. Sua discussão ajudou na criação do processo fotográfico do ensaio, a partir de reflexões e análises críticas acerca das situações fotografadas. Com base nisso, torna-se possível compreender o espaço além do físico, aprofundando as histórias daqueles lugares.

O conceito de *heterotopia* refere-se ao lugar de acordo com a sua utilização, necessitando assim do usuário para estabelecer sua função. Esses espaços são construídos a partir de gestos, palavras ou até narrativas daqueles que os frequentam. Isso cria processos de subjetivação para aquele ambiente, baseado na interação que cada indivíduo, ou grupo, desenvolve num determinado período (FOUCAULT, 2013). Na busca por lugares perfeitos, projetamos utopias que exercem uma determinada função de forma a atender uma necessidade em um intervalo de tempo. Por se tratar de funções distintas para um mesmo espaço físico, essas são classificadas como *Heterotopias*, pois possibilitam diferentes entendimentos dentro de um mesmo ambiente.

Entende-se por utopia, nesse contexto, aquele espaço com condições ideais. Quando falamos de um ambiente considerado utópico queremos dizer que ele tem todos os atributos para ser perfeito. No entanto, tal estado de perfeição seria inalcançável, sendo considerado apenas uma fantasia ou devaneio. Um elemento utópico é composto de projeções tão distantes da realidade que se torna impossível de se concretizar (ver: TUNHAS, 2018).

Bons exemplos dessas utopias são jardins, largos ou prisões, onde uma função é estabelecida e coletivizada por uma sociedade. No entanto, essa função pode ser subvertida a partir de novos movimentos dentro do espaço, gerando um conflito, não necessariamente agressivo, entre culturas. São, portanto, *contraespaços*, definidos temporalmente por quem o frequenta e as normas que ali estabelecem de acordo com vontades particulares ou coletivas (FOUCAULT, 2013). Assim ficou expresso por Foucault em seu estudo (2013:21) “Na verdade, porém, essas heterotopias podem assumir, e assumem sempre, formas extraordinariamente variadas, e talvez não haja, em toda a superfície do globo ou em toda a história do mundo, uma única forma de heterotopia que tenha permanecido constante.”

Com a fotografia é possível projetar essas utopias a partir do olhar do fotógrafo. As escolhas de enquadramento, luz e sombras mostram aquilo que compõe o espaço ideal do imaginário, mas abre, também, espaço para que a própria foto se torne um novo lugar de imaginação. Isso ocorre porque o espectador faz uso da foto da maneira que lhe convém, e especialmente nesse trabalho que tem uma dimensão lírica e documental, as imagens podem servir de pesquisa, lembrança, reflexão, melancolia, tristeza, saudade etc. Embora não seja um espaço tridimensional, a fotografia torna-se o portal para esses espaços. A partir dela podemos decidir como iremos nos comunicar com eles, seja indo até o ambiente, pesquisando mais, ou apenas apreciando e permitindo se instalar na memória.

3.3 Territorialidade e lugar

O estudo da subjetividade dos espaços pode ser observado, também, pela ótica geográfica. Trata-se de uma forma mais técnica, principalmente comparada aos estudos de filosofia, mas capaz de apontar mecanismos, origens e consequências de forma singular pelo seu caráter de análise. Sendo a Geografia um campo de estudos que pensa a interação do espaço físico e do elemento social que nele atua, utilizar seu conhecimento para ampliar a percepção das dinâmicas dos espaços foi de grande impacto positivo na elaboração do projeto.

Para a Geografia a interação das pessoas com o território que habitam pode ser tratado a partir de dois conceitos: territorialidade e lugar. Antes de definir os dois, é necessário separar o que é território do que é espaço. Espaço é aquilo que está delimitado fisicamente, ou seja, uma área que pode ser ocupada, por onde podemos andar e construir. Já território é o desdobramento de uma ação, conduzida para estabelecer domínio sobre um espaço. A territorialidade é, portanto, a ação que um coletivo exerce para ocupar, controlar e conduzir atividades dentro de um território antes dominado, criando uma nova relação de identidade com o mesmo (FERREIRA, 2014).

Enquanto a territorialidade se define pelo modo de uso do espaço, o lugar será definido pela ligação afetiva que se tem com esse. Para que um espaço seja classificado como lugar é necessário uma relação de longa data entre ele e o indivíduo, onde os sentidos sejam a conexão emocional com aquele espaço. Dessa forma, a Geografia estuda o lugar não de forma técnica, mas sim de maneira humanista, ampliando o debate acerca dos limites de um espaço geográfico (HOLZER, 2003).

Com o conceito de lugar e territorialidade é possível perceber a importância de espaços subjugados, por meio de seu apelo emocional com a comunidade que o tem como lugar. Isso permite investigar mais cenários da paisagem urbana carioca, auxiliar no resgate e disseminação da história desses espaços, como também nos processos de resistência e mudança. Associando o estudo técnico da geografia e a filosofia, foi possível ampliar as possibilidades de atuação na pesquisa e na fotografia, gerando resultados mais provocantes e contundentes.

4. O ensaio: visões do mundo e registros do tempo

A fotografia pode preservar a parte material da memória, com imagens de prédios, monumentos e largos, e também, a parte imaterial, mostrando o olhar das narrativas e relações dos indivíduos com esses objetos. Resgatar a importância e o significado desses espaços através das fotos possibilita entender nosso passado e os mostrar novos rumos que podemos tomar. Assim, garantimos que haja representatividade de áreas esquecidas ou subjugadas.

Um dos aspectos da fotografia, muitas vezes encarado de forma negativa, é sua capacidade de reproduzir o mundo exatamente como ele é. Isso foi uma discussão fundamental para o entendimento de arte no século XX. Ocorre que a câmera está limitada a transmitir o que capta de forma fiel à realidade, sendo seu diferencial o interesse do fotógrafo com o que quer ser mostrado. Portanto, o que vemos em um ensaio nada mais é do que a crua realidade, mas enquadrada sob um pensamento daquele que a monta (BARTHES, 2018).

Nos estudos apresentados por Roland Barthes em *A câmara clara*, o autor aponta como o olhar fotográfico é parte da preservação da memória, pois com ele contamos histórias e repassamos momentos ao futuro. Em uma passagem ele aponta que: "Um dia, há muito tempo, dei com uma fotografia do último irmão de Napoleão, Jerônimo (1852). Eu me disse então, com um espanto que jamais pude reduzir: "vejo os olhos que viram o imperador"" (BARTHES, 2018:13). Esse aspecto é uma das bases do ensaio Resistência vs. mudança, entregar aqueles que não conhecem o monumento uma forma de contato com ele, mesmo que de forma indireta. É uma maneira de tentar fazê-los quase tocar aquilo que vêem nas imagens.

Isso é parte da imersão do processo fotográfico, sobretudo em fotografia de paisagem, para que se possa despertar a vontade de habitar aquele lugar. Assim, o espectador é remetido a seus desejos, criando fantasias com aquele lugar. Para quem já esteve lá e o conhece, pode ser uma lembrança e para quem ainda não teve a oportunidade, pode se tornar parte no imaginário de um lugar ideal, uma utopia. Quando se cria esse ponto de contato há uma busca pela preservação daquela memória, seja através da manutenção do ambiente, ou pela disseminação da imagem.

Por fim, o momento que é registrado é único e irreversível, o que a câmera capta e reproduz infinitamente jamais se repetirá. Com a foto, criamos um “ponto de salvamento” daquela cultura, da situação política, econômica, de eventos e outros movimentos daquela época. É uma memória imutável, que pode ser consultada a qualquer instante para servir de estudo e comparação com outras eras ou até mesmo ser base para planejamentos do futuro (BARTHES, 2018). Exatamente como foi feito nesse projeto que compara o novo e o antigo, aponta erros e acertos revelando, também, novos olhares para o futuro.

4.1 O olhar fotográfico do indivíduo

Como morador da cidade, tenho minha posição na relação com alguns pontos e políticas cariocas. Observar as resistências e mudanças foi uma prática rotineira e uma consequência de viver no Rio de Janeiro. Com o conhecimento e a oportunidade de desenvolver um ensaio fotográfico, pude apresentar minha visão da cidade, a relação que criei com os objetos explorados e trazer à tona questões sociais, com o estudo complementar da história. No entanto, a fotografia, neste projeto que visa contar histórias, não pode ser intransigente para com outras formas de pensar, ver e sentir os espaços fotografados. Ou seja, minha visão não poderia impedir que outros se sintam anfitriões desses espaços.

Uma fotografia é carregada de sentimentos e significados para aquele que a tira. Assim também ocorre com os registros do ensaio, não há como escapar da intenção de quem realiza o registro. No entanto, existe um aspecto genérico que desperta o interesse de quem observa, o que Barthes chamou de *studium* (2018), ou seja, o interesse que nos leva a debruçar sobre um tema. Nesse caso as questões apresentadas na imagem. Assim, ninguém se sentirá excluído daquelas cenas, as fotos abrangem outros grupos, pois aceitam qualquer significado que se queira colocar ali. Levam a mensagem original do fotógrafo e também convidam, até mesmo aqueles que não tem nenhuma relação com o local, a conhecê-lo e visitá-lo.

O foco da imagem é sem dúvida o objeto, nesse caso prédios, monumentos e outras estruturas urbanas, porém, a ambientação é parte fundamental na composição do sentido e do ponto de impacto da imagem. Às vezes, uma grande estrutura, como a igreja da Candelária e a Pira olímpica, podem se destacar por ser o foco da cena, o objeto principal (**figura 10**). No entanto, para o contexto e para a reflexão da imagem, as pessoas ao redor, o tráfego e o estado de conservação do ambiente são pontos de impacto, aquilo que pode ferir e atingir o espectador de forma contundente. A esse ponto de atenção na imagem Barthes dá o nome de *punctum* (2018). Com ele é possível descobrir novos interesses pela imagem, como na fotografia de Wessing (**figura 11**), onde a violência, banalizada, de homens armados andando pelas ruas, entra em choque pelo contraste da paz, simbolizada por duas freiras.



Figura 10 - Pira e Candelária, destaque para casal que usa a base da pira como moradia, 2021.

Fonte: Fotografia própria



Figura 11 - Koen Wessing: Nicarágua, o exército em patrulha nas ruas, 1979.

Fonte: dreamideamachine.com

Em alguns momentos o *punctum* será distinto para cada pessoa. O que é necessário para capturar o espectador pode vir de dentro, não estando na foto em si, mas no que ela desperta. Assim, até fotos documentais, que não tem como função primeira a mesma de um trabalho lírico, como o grande acervo de Augusto Malta (**figura 12**), ou de paisagens genéricas como a Alhambra de Charles Clifford (**figura 13**), servem ao propósito de conexão com o indivíduo por serem a fagulha capaz de desencadear um profundo interesse pela imagem. Percebe-se que o *punctum* é a causa do *studium*, um desencadeia o outro e estão presentes na imagem de forma subjetiva (BARTHES, 2018). Sabendo dessa capacidade de conexão entre a imagem e o espectador, utilizo a fotografia para contar a história de culturas e lugares, gerar movimentos de transformação e preservação através da memória ou pela livre experiência estética.



Figura 12 - Augusto Malta, Morro do Castelo, 1914.
Fonte: Biblioteca Nacional

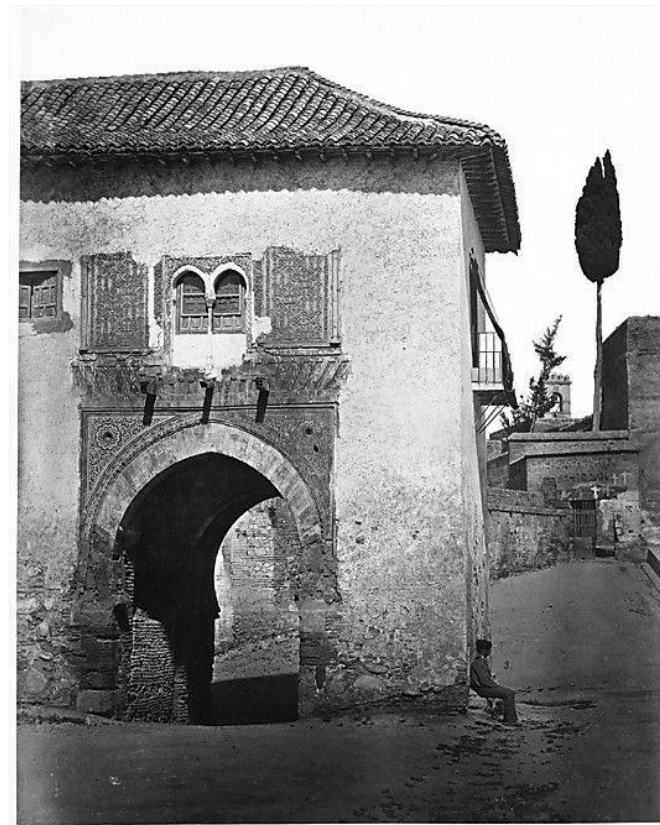


Figura 13 - Charles Clifford: Alhambra, 1854-1856.
Fonte: artandthoughts.fr

4.2 As influências das imagens

A parte prática da produção das fotos começou com estudos sobre paisagem, sobretudo do que já se conhecia sobre o cenário do Rio de Janeiro. Assim, analisei diferentes artistas e estilos que foram usados ao longo dos anos para ilustrar a cidade, desde gravuras e pinturas até fotos digitais. Entre artistas que se destacam, pela sua contribuição com a memória imagética carioca estão: Jean Baptiste Debret e Thierry Frères com pinturas e gravuras da 1ª fase, e Marc Ferrez e Augusto Malta com fotografias da 2ª. As obras desses artistas me auxiliaram também na pesquisa histórica para perceber rastros de mudanças na cidade.

Os representantes da primeira fase, Debret e Frères, foram enviados em missões artísticas ao Brasil para mostrar à corte como era a nova colônia. Por causa disso, escolhi suas artes para analisar, já que mostram bem como criar um panorama geográfico e social sedutor da cidade. O acervo dos dois artistas é composto, em sua maioria, de pinturas que mostram monumentos importantes para o governo de Portugal. São retratadas áreas de grande circulação de pessoas, eventos da nobreza e hábitos do dia a dia, sobretudo aqueles ligados ao comércio de escravizados e áreas estratégicas para o desenvolvimento da cidade.

Era a primeira vez que o Rio se via gravado em imagens e há uma predominância de paisagens urbanas, de largos, igrejas e casarões, ao invés de enseadas e morros. Mesmo assim, o imaginário da cidade coberta de montes verdes, das ruas estreitas, os sobrados e toda a cena carioca de uma geração, foi estabelecido e é lembrado pelas imagens desses artistas e outros da mesma época. Embora não sejam tão fiéis à realidade como a fotografia pode ser, essas pinturas desempenham um papel importante na memória e na construção de um imaginário além do fato de contarem histórias, assim como a base do ensaio desenvolvido para esse projeto.

A fotografia, sobretudo em meados do século XIX e início do século XX, trouxe outra visão da cidade. Muitos registros que temos hoje são de fotógrafos amadores ou de jornalistas e isso permitiu ampliar a quantidade das minhas fontes de pesquisa. O que diferenciava o conteúdo dessas fotos era a função delas. Fotógrafos como Ferrez e Malta tinham funções de documentação para melhorar a infraestrutura ou preservar a memória de espaços. (Ver texto de apresentação da coleção de Marc Ferrez no acervo digital do IMS - Instituto Moreira Salles: <https://ims.com.br/2017/08/28/sobre-marc-ferrez/>). Como exemplo, a imagem a seguir (**figura 14**) que mostra obras destinadas a melhorar o abastecimento de água no Rio de Janeiro. Mesmo assim há uma certa diferença entre os dois, enquanto Ferrez dimensiona ruas, prédios e obras, Malta parece revelar as dinâmicas dos espaços, pois inclui a população e suas práticas como destaque em suas fotografias.



Figura 14 - Marc Ferrez, Obras para melhorar o abastecimento do Rio de Janeiro, 1889.

Fonte: Biblioteca Nacional

O que cada um desses artistas e suas obras fizeram foi criar pontos de interesse e reflexão que eu pude usar como referência para o planejamento das fotos. Ter esse histórico de imagens me levou a seguir uma evolução na forma de mostrar os locais abordados, misturando o lúdico das pinturas do novo mundo, e as fotos da dura realidade de uma cidade em transformação. Tudo isso está expresso nas imagens que são resultado das fotos e das intervenções de pós-produção.



Figura 15 - Jean Baptiste Debret, Cerimônia de aclamação de D.João VI, 1818.

Fonte: Biblioteca Nacional

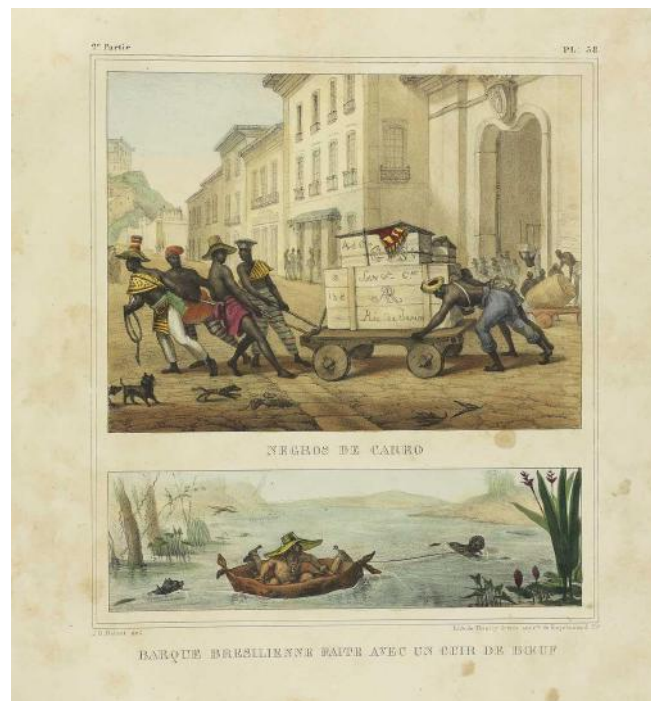


Figura 16 - Thierry Frères, Negros de carro e barco brasileiro, 1835.

Fonte: Biblioteca Nacional

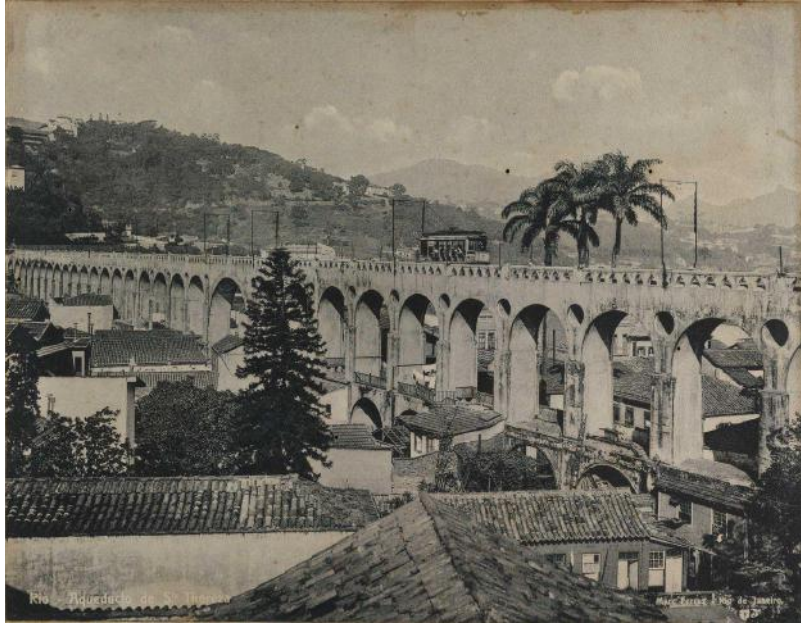


Figura 17 - Marc Ferrez, Aqueduto da Santa Teresa, 1908.
Fonte: Biblioteca Nacional.



Figura 18 - Augusto Malta, Igreja de São Sebastião, 1921.
Fonte: Biblioteca Nacional.

4.3 A construção das imagens

As imagens do ensaio são compostas por fotografias e por um processo de tratamento em pós-produção. As fotos originais foram tiradas nos locais de forma a abranger os objetos estudados, evidenciar as rugosidades e outras questões sociais que poderiam estar presentes. Portanto, planos abertos e áreas amplas são comuns, além de uma postura mais neutra dos objetos. Não há um plano que seja de maior importância do que os demais, pois o conjunto da cena, incluindo os fundos e objetos periféricos, são partes fundamentais do contexto da foto.

Sendo objetos públicos, as fotos foram tiradas ao ar livre, com iluminação natural, sendo tratadas para fins de estilização e pouco para corrigir detalhes de luz e sombra. As estilizações contam muito com contraste do colorido e do preto e branco, não no sentido clássico de passado vs. futuro, mas sim mostrando o que se destaca na paisagem, independente de sua idade. Em outras imagens, os recursos gráficos trabalham mais o lúdico, evocando para o espectador o imaginário sobre a imagem, permitindo-lhe explorar novos significados para aqueles espaços. Algumas imagens contam, ainda, com mais de uma versão e estilo, abordando outros pontos de vista.

As fotos foram capturadas por uma câmera digital profissional em qualidade RAW de resolução 6000x4000px, o que me deu mais qualidade para a pós-produção. A maior parte das fotos foram feitas com uma lente 18-55mm que tem uma boa relação entre distorção e luz. Essa lente permitiu fotografar áreas mais amplas com pouca distorção e uma profundidade de campo razoável. Apenas para fotos de detalhes ou mais próximas ao objeto, foi utilizada uma lente 50mm que possui distorção menor que a anterior, o que era importante para mim para manter o registro fidedigno (FOTOGRAFIA manual completo de arte e técnica, 1978). Entre imagens de textura, testes e imagens finais há cerca de 900 imagens que foram fotografadas e tratadas por mim durante o projeto.

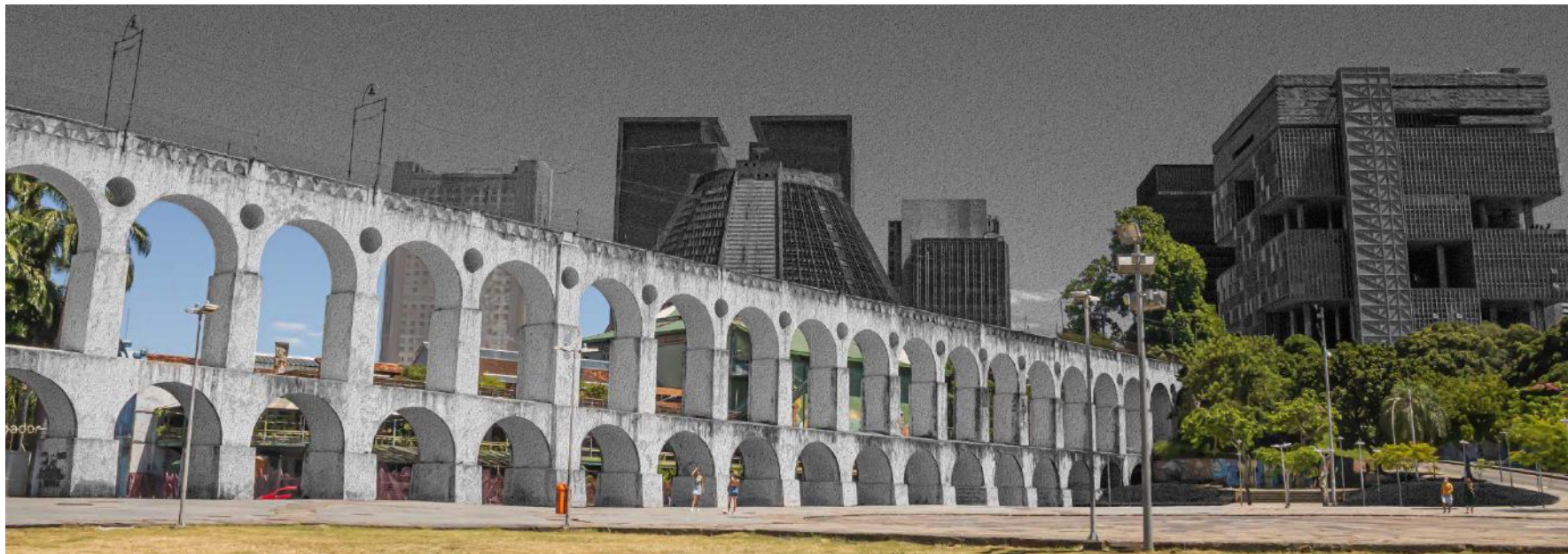


Figura 19 - As passagens da história (versão 1), 2020.

Fonte: Fotografia própria



Figura 20 - As passagens da história (versão 2), 2020.

Fonte: Fotografia própria



Figura 21 - As fábricas “de” Rio, 2020.

Fonte: Fotografia própria

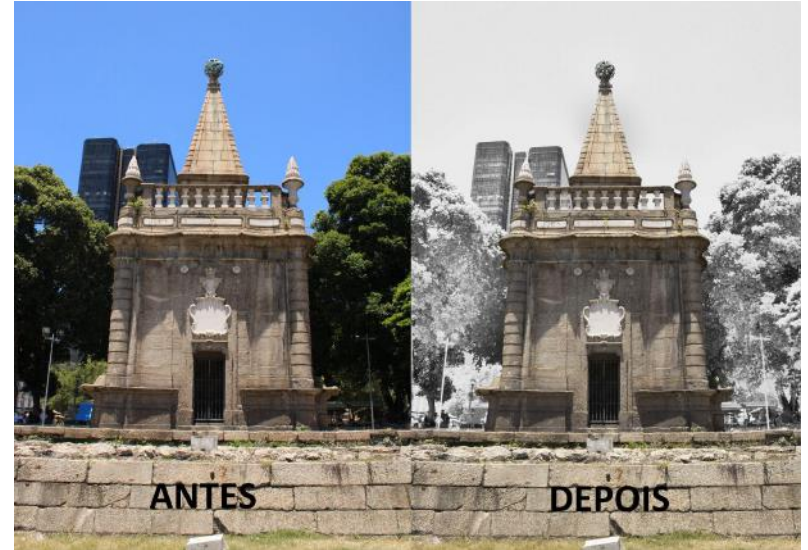


Figura 22 - Antes e depois de O servente, 2020.

Fonte: Fotografia própria

5. Design editorial: o e-book

Para reunir todo o material do ensaio, a pesquisa e os textos de apoio aos temas abordados, decidi, inicialmente, criar um catálogo, onde as minhas fotos e as fotos de arquivo seriam apresentadas com breves textos explicativos. Posteriormente decidi construir um formato que abrangesse melhor a versatilidade do material e atraísse diferentes públicos, o livro digital.

A escolha do formato digital ao invés do impresso se deve a praticidade de ligações entre outros conteúdos através de hiperlinks. Para comparar o antes e depois ou ilustrar uma situação, foram utilizadas imagens de fundos, como a Biblioteca Nacional e o Arquivo Nacional. Com hiperlinks é possível acessar a origem desses arquivos, assim como uma catalogação mais detalhada dos mesmos; incentivando o leitor a prosseguir com uma pesquisa própria do objeto que mais lhe interessar. Havia também uma preocupação com a qualidade das imagens, que por conterem detalhes, são melhores de serem vistas em alta qualidade, com possibilidade de zoom em pequenas partes, o que não é possível no formato impresso.

O modo como a leitura é feita em formato digital pode ser mais atrativo para o público. No caso de um livro onde predominam imagens, embora as pessoas prefiram ler em papel, ver imagens na tela é menos cansativo (BRIDGER, 2018). Outro fato é que as novas gerações já têm o hábito de consumir conteúdo em telas e dividir a atenção com outros assuntos. De forma a tentar ajudar a manter o foco, estimulando a atenção e a criatividade, o e-book conta com vídeos, algo que se torna mais dinâmico dentro do formato digital.

Como outro argumento em defesa do formato digital está a praticidade e o custo, principalmente em se tratando de um livro colorido. O objetivo do projeto é contar histórias da cidade e isso só pode ser feito se o acesso a elas for fácil. O preço de um livro digital é cerca de 27% inferior ao de um livro impresso (comparativo feito para livros novos no site da Amazon pelo portal digai.com.br em 2017) e a venda de e-books subiu cerca de 83% no ano de 2020 (Fonte: CNN). Qualquer um pode adquirir de diferentes dispositivos, como computador, tablet, celular ou leitor digital (kindle), sem estar sujeito ao funcionamento de livrarias, que vem sofrendo com crises e fechamentos, estoques, fretes e taxas de lojas virtuais.

5.1 Os vídeos

Cada capítulo conta com um vídeo sobre o tema ou a imagem trabalhada. Os vídeos foram uma forma de atrair a atenção dos leitores, diversificar a mídia e expandir as possibilidades de interação estética com a cidade. Há em algum deles o recurso do som, algo que ajuda a ampliar a imersão naquele espaço, um diferencial para um material de leitura.

Caminhar por uma cidade é experimentar diferentes tipos de estímulos e sensações. O próprio movimento de árvores, carros, pessoas, portas e janelas dá a sensação de fazer parte de um organismo, onde um movimento pode gerar outros. De forma inesperada, esses movimentos e outras ações atraem nossa atenção, abrem um leque de possibilidades, não só na forma de experienciar a cidade, mas também de interpretá-la. Com o vídeo, é possível convidar o espectador para dar esse passeio pelas ruas e monumentos, fazê-lo sentir o que um visitantes desses locais sente, como eu me senti ao estudar e explorar esses ambientes.

A hipótese de que um material visual tornaria o livro mais atrativo vem de observações do neurodesign, onde se estuda como aumentar o interesse de usuários. Segundo Darren Bridger, estudioso do campo, “Somos criaturas visuais. Não evoluímos para a leitura, mas sim para a observação de imagens. É o nosso sentido mais agudo, e o que ocupa mais espaço no cérebro. Somos, portanto, consumidores hábeis de imagens.” (2018:20).

Com isso é possível aumentar o alcance do livro, mas também a profundidade de quem o usa. Em uma geração cuja atenção focada média dura oito segundos (BRIDGER, 2018), ajudar usuários a se manterem motivados a leitura e atentos é algo de fundamental importância. Não que esse recurso, ou qualquer outro, vá fazer pessoas que não se interessam em nada pelo tema, mergulhar no e-book. Contudo, se é possível utilizar todas as ferramentas para que comecem e terminem, não há porque não fazê-lo.

5.2 A estrutura da publicação

O e-book foi dividido em três grandes fases, já apresentadas aqui, cada fase contendo capítulos. Os capítulos têm como base uma das fotos do ensaio e a partir dela foram desenvolvidos textos em parceria com o historiador Monty Hinke e o geógrafo Henrique Pinto. Há diversas possibilidades de navegação, como ver o local do objeto e ter acesso às imagens originais, tudo isso através de botões clicáveis.

A abertura de cada fase conta com um texto introdutório para contextualizar o período histórico e o estilo artístico que definiu as estruturas da época. Ainda na abertura da fase há a introdução da cor que acompanhará aquele período até o fim, assim como uma imagem que representa de forma geral a época abordada.

Após a introdução da fase, se inicia o capítulo, com o nome da foto em que foi inspirado, assim como o nome das estruturas nas quais foram baseadas as fotos. A abertura também acompanha uma imagem que tem o intuito de texturizar o monumento, mas sem entregar do que se trata, deixando o mistério ser desvendado pelo espectador nas páginas seguintes. A seguir, a foto é apresentada em destaque, sem interferência de outros elementos, e nas páginas seguintes são apresentados os textos.

Vale destacar que embora importantes para contextualizar e levantar as discussões acerca de resistências e mudanças, os textos não são extensos como em um livro acadêmico e sim como histórias breves. Para ilustrar passagens do texto são usadas fotos de arquivos e outras de minha autoria. Cada capítulo conta, também, com composições plásticas, que estão relacionadas com o tema, mas permitem um devaneio maior do leitor, tirando-o do pragmatismo da documentação histórica.

O último trecho do capítulo é feito de uma página chamada “você sabia?”, onde um fato curioso sobre o objeto ou os arredores é levantado para criar curiosidade e intimidade com o lugar. A partir do momento que se descobre um fato pouco conhecido sente-se que os dois, o local e o leitor, têm um segredo em comum, algo que os aproxima.

O capítulo se encerra com uma representação chapada do objeto e hiperlinks que possibilitem continuar as pesquisas, caso seja da vontade do leitor.

5.3 Grid

Quando tratamos de um material editorial a construção das páginas é um fator muito importante. Pensar as áreas de texto, posição das imagens e o grid, é a base para estruturar a publicação. Entre os fatores que influenciam a construção do grid está o formato do produto e sua veiculação. Ou seja, saber onde aquele material será apresentado, como ele será transmitido , seu público e suporte, são pontos que me ajudaram a definir o layout do e-book (SAMARA, 2007).

Portanto, simplificar a visualização do conteúdo ajuda a reduzir o cansaço da vista e amplia a compatibilidade entre os dispositivos. Por essa razão as páginas possuem poucas cores, além das presentes nas imagens, formas mais simples e texturas suaves.

Pensando nisso, foram feitos 3 layouts de página para: páginas com prioridade de texto, imagem e texto, e apenas imagem.

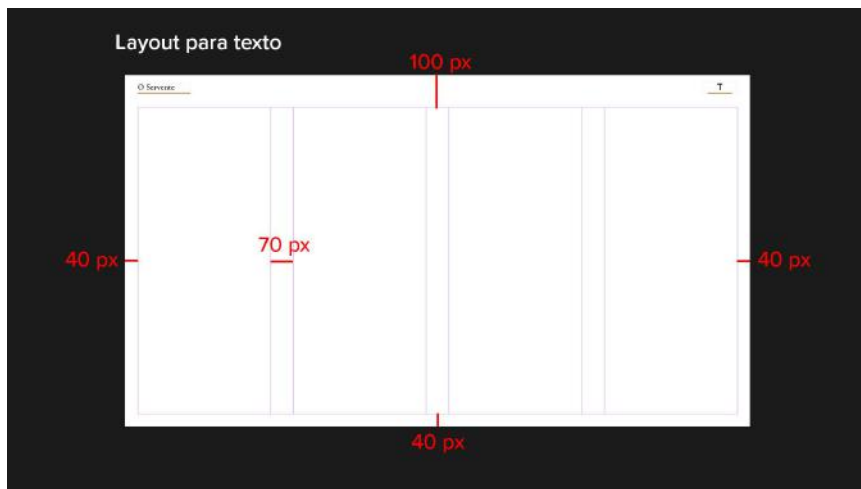


Figura 23 - Grid de texto

O grid foi criado com margens mais estreitas na lateral, já que não é necessário espaço para as mãos, como no caso de um livro impresso, pois as telas têm seu próprio suporte ou áreas de apoio no caso de dispositivos mobile. Mesmo assim, a margem respeita um padrão de segurança para telas de cerca de 5% da quantidade de pixels. Padrão esse que é prática entre produtoras e que aprendi ao longo de anos de trabalho. A margem superior é a única com maior espaçamento da borda, pois é a região onde, geralmente, ficam localizadas as ferramentas dos leitores de e-book ou sites (menus, marcações, pesquisa etc), que o usuário poderia recorrer em algum momento da leitura.

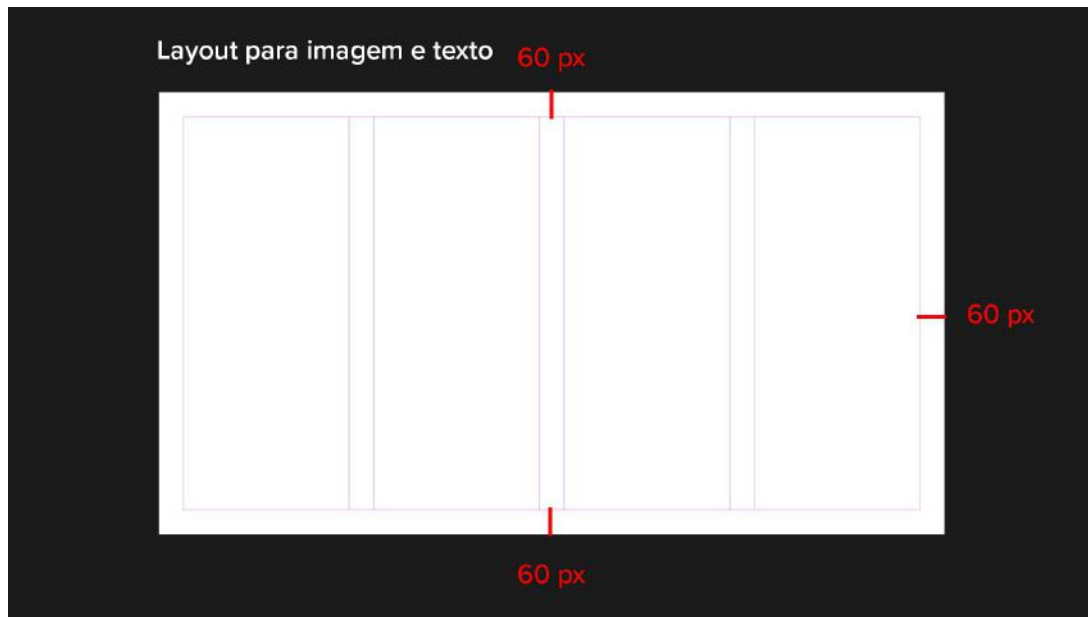
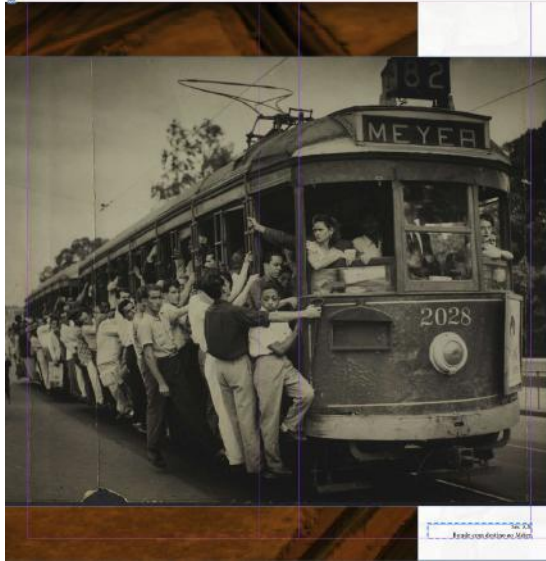


Figura 24- Grid de imagem e texto

O layout é composto de 4 colunas. A ideia é concentrar o texto em poucas páginas, para ter um arquivo menor ao final do livro e para que o leitor passe por poucas páginas de leitura, podendo se ater às imagens e dar a elas mais destaque. Para páginas de texto e imagem ainda há 4 colunas, no entanto as margens são simétricas, para facilitar o alinhamento das figuras.



O bairro de Santa Teresa está inserido em um sítio do Rio de Janeiro que oferece dificuldades de tração aos automóveis por suas várias lajeiras. Com a permanência de muitas fachadas e formas espaciais do século XIX e XX, os serviços de bondes se cristalizaram nessa área da cidade, tendo seu uso dividido por moradores - que reclamam dos problemas de quem usa cotidianamente - e turistas - que reclamam da falta de guias ou indicações turísticas além da vista da cidade. Por mais que a forma espacial seja semelhante aos bondes do passado, não se configura mais como o processo social de transporte, que permitia até viagens gratuitas e arriscadas em quem se aventurasse a viajar com parte do corpo exposto. Após um acidente com vítimas fatais em 2011, o bonde de Santa Teresa foi reaberto seguindo protocolos de segurança mais rígidos, ao mesmo tempo em que seu serviço também ficou mais restrito.

O layout de uma página onde a prioridade é apenas a imagem tem margens com função apenas de guia, já que muitas vezes as imagens estão “sangrando” a página. O fundo da página é preferencialmente preto, pois na tela, o preto é ausência de luz, o que diminui a interferência visual com as imagens. Apenas quando o contraste com o fundo escuro não é favorável o fundo será branco ou texturizado.

Figura 25 - Exemplo de grid aplicado

5.4 Questões técnicas do e-book.

Por se tratar de um material digital, o e-book tem alguns aspectos diferentes em relação aos livros impressos. Por esse motivo, algumas questões técnicas foram destacadas pois são de grande impacto na realização do projeto. Questões como: compatibilidade entre aparelhos, capacidade de armazenamento, transmissão de dados e impacto na visão.

Os livros digitais são vistos em telas que emitem luz, que sabemos bem, cansam a vista após longos períodos de utilização (SÁ, 2016), e podem ter diversos formatos e tamanhos, dependendo do dispositivo. O usuário pode estar lendo o conteúdo em um smartphone, que varia de 4-5 polegadas, um monitor de computador de 10-20 polegadas ou até um televisor de 35-45 polegadas. O que esses dispositivos têm em comum são o padrão de cor RGB, diferente do CMYK das gráficas, e uma resolução que varia entre o HD de 1280x720 pixels e o Full HD de 1920x1080 pixels.

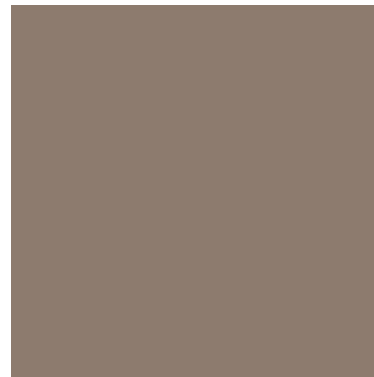
O livro foi formatado em orientação de paisagem, na resolução Full HD para que tivesse um equilíbrio de tamanho e compatibilidade. Assim é mais fácil que ele seja aberto em aparelhos com menor capacidade de armazenamento e processamento, baixado ou transmitido em redes de internet limitada e mantenha um formato de exibição conciso em diferentes situações. Para garantir uma fidelidade de cor e formato foram feitos testes em diversos dispositivos, como celulares e computadores de diferentes sistemas operacionais, monitores básicos e profissionais, e televisores.

5.5 As cores

Enquanto percorria a cidade para fazer as fotos e pesquisas, percebi que, não apenas o estilo arquitetônico, pelos traços das estruturas, é responsável pela identidade de um ambiente. Há muitas outras coisas que me atraíram e me fizeram distinguir uma época ou até mesmo a função de um objeto, como as texturas e cores. Para compor um material gráfico, o aspecto das cores me pareceu mais interessante, pois com ele seria possível refletir a sensação visual que a paisagem apresentava.

Com isso, as cores de cada fase foram estabelecidas para acompanhar as cores das paisagens comuns daquela época.

Para a primeira fase foi estabelecida uma cor de marrom acinzentado. Essa coloração remete às pedras, componente principal das estruturas do período colonial. As paisagens, onde predominam cores e monumentos dessa fase, trazem um aspecto rústico e ambiente escurecido de um passado distante, quase inalcançável, e difícil. Não é de fato uma cor alegre, nem tão convidativa, mostra a aspereza de anos penosos, de escravidão, doenças e limitações de todos os generos. Por essa razão consegui extrair das fotos uma coloração que representasse esses sentimentos que foram presentes durante minha pesquisa por esses espaços. O marrom, assim como as pedras, são o reflexo de uma sociedade e de uma época dura, de um avanço lento e de consequências pesadas.



R 141 # 8d7c6f
G 124
B 111



Figura 26- Foto própria, blocos de pedra, 2022.

O crescimento da cidade também trouxe refinamento para sua paisagem. A segunda fase é marcada por transformações, obras e uma preocupação com a funcionalidade dos espaços. Para representar esses movimentos, foi escolhido um marrom intenso, que embora fale de mudanças, traz o aconchego da segurança de dias de glória e da prosperidade esperada por aqueles que participaram desses movimentos. Muitas das estruturas dessa fase eram feitas em madeira ou recebiam pintura em tons mais escuros, o que também reforça o uso dessa cor como um item marcante para a época. A coloração nos remete ao esforço da sociedade carioca para melhorar a cidade, demonstra crescimento e positividade. Passear por ambientes onde predominam esses elementos é encarar uma cidade em ascensão e recuperar as esperanças de que é possível, através de muito esforço, construir um Rio melhor para todos.



R 166 # a66005
G 96
B 5



Figura 27 - Foto própria, estação de bonde, 2022.

Quando vivi o novo ciclo de transformações da cidade me deparei com uma onda de esperança, desejos e vontades para o que seria o novo Rio. A sofisticação do novo com a mistura do antigo representa o avanço da cidade, mas sem se desvencilhar de suas raízes, fundamentais, pois são aquilo que conhecemos como cultura carioca. Para representar esses sentimentos e sensações, a cor da terceira fase é um tom de marrom, porém claro, um resgate desse passado, mas abrindo passagem para um futuro brilhante. A arquitetura desse novo período acompanha, com uma maior diversidade de cores, mas principalmente texturas e brilhos. A coloração desta fase serve para impulsionar o leitor, fazê-lo acreditar na transformação e até mesmo ser agente dela, se possível. Não é um tom acolhedor como o anterior, ou pesado como o primeiro, é leve, cria uma expectativa, convida para o novo, para amplas possibilidades.



R 194 # c29c86
G 156
B 134



Figura 28 - foto própria, prédios, 2022.

Há ainda duas cores de suporte.

Para botões e destaques.



R 71 G 148
B 224 # 4794e0

Para informações do livro não vinculadas
a nenhum capítulo, como prefácio.



R 188 G 126
B 44 # bf8e28ff

5.6 Tipografia

A tipografia foi escolhida para expandir a relação do novo e antigo, priorizando a funcionalidade da leitura digital, mas também mostrando a tradicionalidade e elegância do passado.

Para títulos e legendas e o intertexto entre capítulos foi escolhida a Sabon, uma fonte serifada que contrasta com a do corpo do texto, assim como os aspectos de resistência e mudança.



Para a tipografia no corpo no texto foi escolhida a fonte Proxima Nova. Um estilo sem serifa, mais fácil de ser lida em telas.

Proxima
Nova

6.

Memorial de práticas

Durante o processo de criação, muitas outras práticas, que vão além de estar atrás do computador diagramando, foram importantes para conseguir chegar nesse resultado. Neste capítulo destaco alguns resultados preliminares e processos dessa construção.

6.1 Resultado preliminares

Chafariz do mestre Valentim (o castelinho da praça XV)

Localizado na Praça XV, antigo Largo do Carmo, o chafariz foi encomendado para substituir o anterior em 1789. Ele servia para abastecer embarcações que atracavam no cais e, portanto, estava localizado próximo ao mar. Após anos de aterramento a Praça XV de Novembro se expandiu e o chafariz de distância do mar. Tombado pelo IPHAN em 1938 sofreu uma restauração em 1990. Antes das olimpíadas de 2016, o chafariz ficava parcialmente coberto pelo Viaduto da Perimetral e próximo ao vão do terminal de ônibus no Túnel Engenheiro ¹⁴ **Ele presenciou toda a história** ¹⁵ Carlos Marques Pampolina, conhecido como "mergulhão". Ambos foram desativados para dar espaço ao Boulevard Olímpico. Gent. El etur miliciliquis suntioribus eum eles a que verupta videnest et ut que et dipsum, te cati doluptio occum quam unt. Ipsumquam quae doluptibus autBis magniet latu? Xerorer chilitibeatidario ernate voleceatium hil minulla borecep rehendam ditis renteni hillanddel modis a alibusam et odia si sini ute nis ius sectur ma cus aliquias moeescum velicis seque nonsecto quiassi tibus, te porest. ad eos estior a debis exeritaeped moluptatetur samentist, sit pliqui se volerer erovitinum estrum et fugitata es et lis et as liles alignim quam idebiti cum nos simasum ut volorem facia consend estibus dandelibus nonsed moluptatem impores tibus.



1. gerson dallas

O Servente

Você sabia?

Emporehntis aut am veri quid quam quias alicium fuga. Uptatisquist vendipsum voloreped eost alitatem nam dolum rendit volore, nobis a ad qui conseqe pos e t inveltatem dolenis estinimus que res ius, conseqi isclatur senduci aersper spedis mi, simpossit evelest



2. gerson dallas



Figura 29 - Primeira versão do formato da primeira página do capítulo.

Figura 30 - Primeira versão da página "você sabia".

► Você sabia?

Emporehentis aut am veri quid quam quias alicium fuga. Uptatisquist vendipsum voloreped east alitatem nam dolum rendit volore, nobis a ad qui consequo pos e t invelitatem dolenis estinimus que res ius, consequo isciatur senduci aersper spedis mi, simpossit evelest



2- foto perimetral

3- pintura largo do paço



Figura 31 - Versão em formato de catálogo da página “você sabia?”.

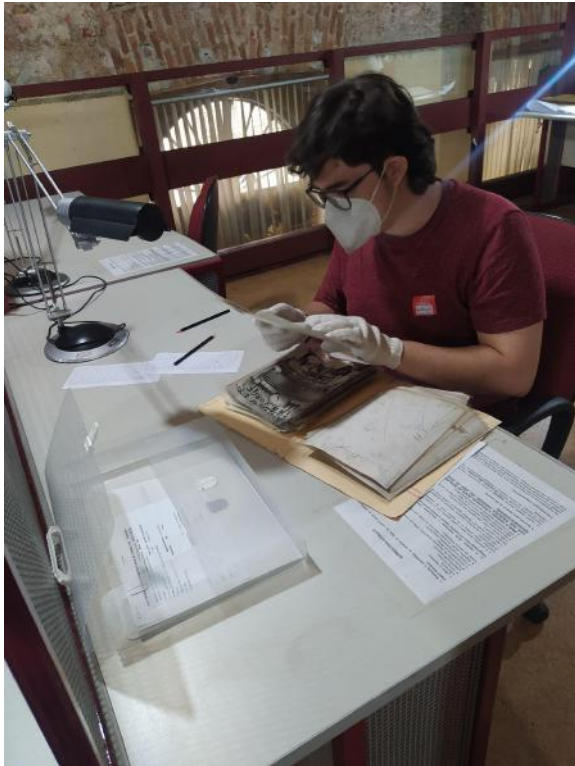


Figura 32 - Primeira versão em formato de catálogo - página da foto.

6.2 Práticas

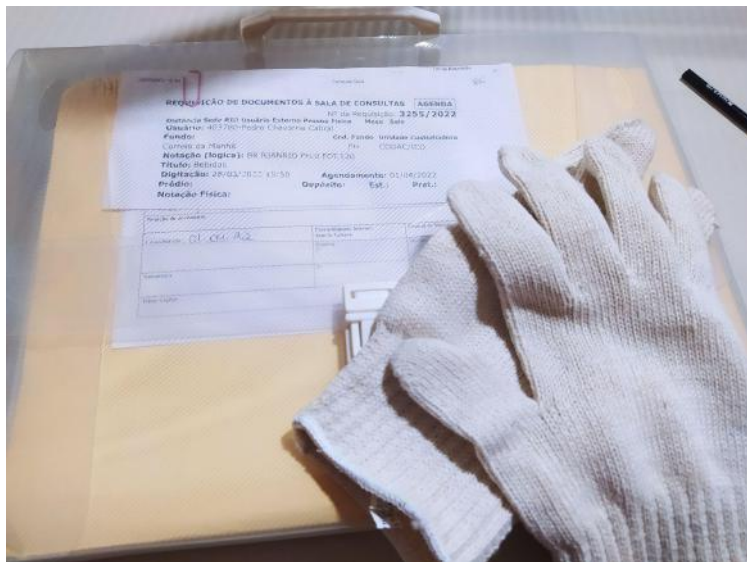


Figura 33 - Momento de registro no centro da cidade, 2022.



**Figura 34 - Pesquisa de fotos no Arquivo Nacional,
2022.**

Por se tratar de um trabalho com referências históricas, em muitos momentos precisei consultar o acervo de instituições, tanto para incluir imagens no e-book, quanto para comparar ou averiguar a evolução de um espaço. Portanto, fui algumas vezes ao Arquivo Nacional, presencialmente, para ver fotos que não estavam digitalizadas e poderiam servir para minha pesquisa. Para ter acesso às imagens tive que ir previamente no AN (Arquivo Nacional), consultar pastas com nomes que se aproximassem da minha pesquisa. Exemplo: a pasta 'AV. Maracanã' poderia conter fotos de uma das fábricas da Rua José Higino onde as duas ruas se encontram ou a pasta 'Getúlio Vargas inaugura trecho de obras da avenida com seu nome' poderia conter imagens da Candelária. Foi um trabalho que exigiu muito conhecimento prévio da cidade e ajuda das funcionárias do AN, citadas nos agradecimentos, pois é necessário imaginar ligações paralelas entre situações e lugares para se chegar a uma possível imagem. Após solicitar a abertura das pastas foi necessário marcar outra data onde elas são retiradas do cofre e podem ser vistas, com todo cuidado e precaução. Quando alguma imagem servia ao meu propósito era solicitada a digitalização e depois enviada ao meu email.



**Figura 35 - Pesquisa de fotos no Arquivo Nacional,
2022.**

A maior parte das imagens eram de fotojornalismo, principalmente do Correio da Manhã, por isso esse estilo documental nas fotos, tanto as minhas quanto as de arquivo. Entre fotos e gravuras de arquivo, foram agrupadas por mim, para servir de pesquisa, mais de 200 fotos de diferentes acervos. Todas analisadas para fazerem parte do livro ou para pensar as resistências e mudanças.

Outro ponto fundamental para conhecer melhor os pontos que seriam abordados e ter a oportunidade de realizar os registros, já que fotografar na rua é perigoso e fazer isso em grupo tornava a prática mais segura, foram os trabalhos de campo.



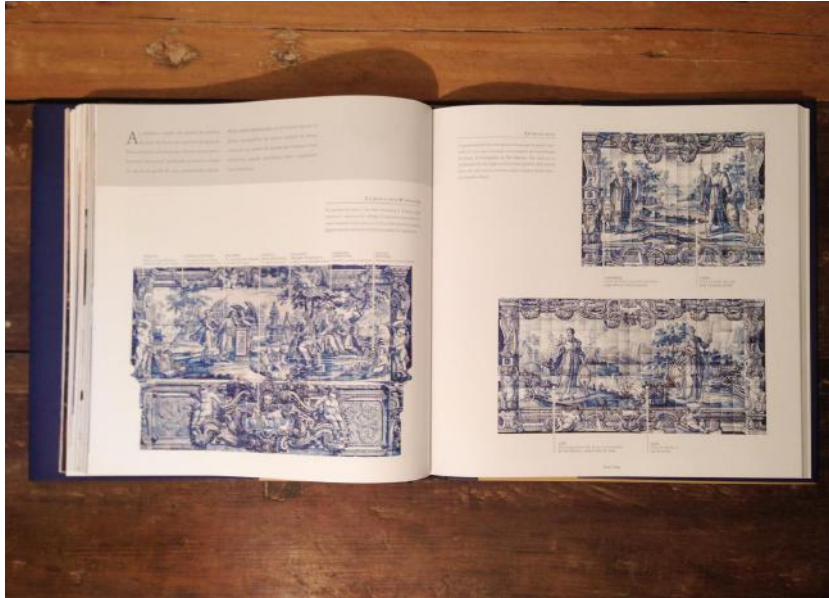
Figura 36 - Trabalho de campo com turmas de geografia e história para entender os pontos estudados, 2021.

Partindo da iniciativa voluntária de dois professores, um de História (Monty Hinke) e outro de Geografia (Henrique Pinto), que levam alunos e ex-alunos do ensino fundamental e médio, assim como curiosos, para conhecer um pouco mais sobre as ruas do centro da cidade e alguns locais da zona norte. Eu mesmo fui aluno deles no ensino médio, mantive contato e sempre me interessei pelo assunto, assim conheci os projetos. Ao todo estive em 4 atividades do tipo, onde pude tirar minhas dúvidas, conhecer novos pontos, fazer consultas e fotos. As atividades costumam ser abertas ao público, são gratuitas e divulgadas pelos mesmos.



Figura 37 - Trabalho de campo com turmas de geografia e história para entender os pontos estudados, 2022.

6.3 Referências visuais e inspirações.



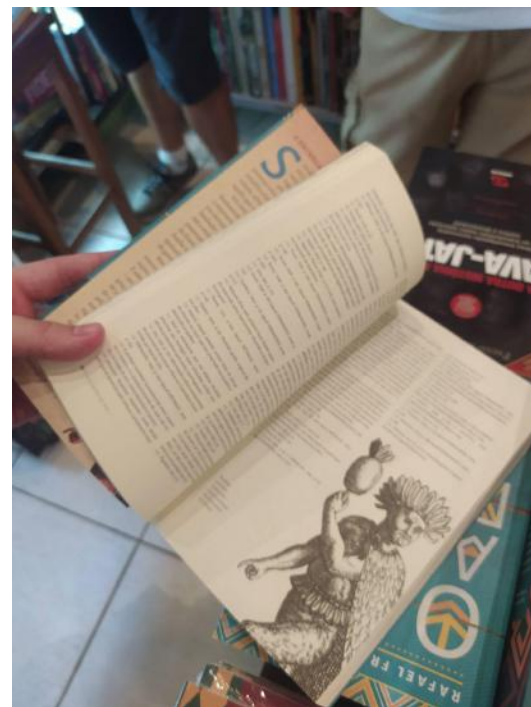
Figuras 38 e 39 - Livro Outeiro Da Glória.

Fonte: <http://www.pvdi.com.br/>



Figuras 40, 41 e 42 - Livro Martius.

Fonte: <http://www.pvdi.com.br/>



Figuras 43, 44 e 45 - Livro O Rio antes do Rio, 2021



Figuras 46, 47 e 48 - Informativos sobre a cidade, 2021



Figura 49 - Quadro George Gershwin, *An American in Paris*, 2017

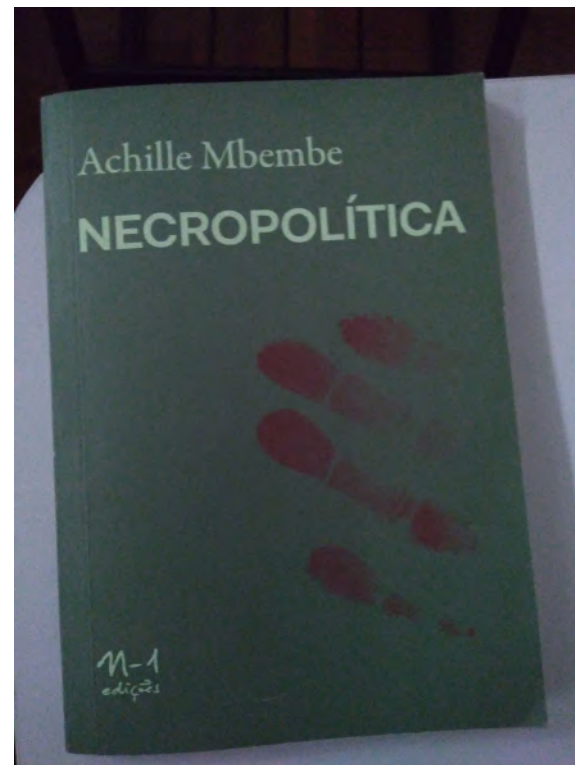


Figura 50- Livro *Necropolítica*, 2018



Figuras 51 e 52 - Sinalizações da cidade, 2021



Figuras 53 e 54 - E-book
Visual communication, 2022.

7.

Considerações finais

Conhecer a cidade e suas histórias sempre me instigou a explorar essa imensidão de possibilidades e repassar para outras pessoas tudo que conheci. A partir da fotografia, e do ensaio Resistência vs. Mudança, foi que percebi como as imagens são uma forte ferramenta para contar essas histórias e perpetuar momentos. Ali estava a possibilidade de unir a arte, a forma de expressar e demonstrar como eu enxergava o Rio de Janeiro, mas também ajudar a propagar e perpetuar sua estrutura.

Diante de um vasto estudo teórico, pude criar correlações com diferentes áreas e perceber como a visão do fotógrafo influencia e é influenciada, assim como o uso dos espaços. Perceber a subjetividade, explorá-la e entregá-la para o espectador, para que possa fazer dela seu próprio lugar nas imagens foi o que me motivou a construir o projeto. Criar utopias onde o lúdico e o palpável se misturem, onde a imagem e os espaços acolhessem quem quisesse fazer dali seu lar.

De forma aventureira, explorei o formato digital e o vídeo, para unir minha paixão e a facilidade do mundo conectado. Descobri que o projeto poderia ser simples, acessível e cativante, sem deixar de ser profundo em suas análises, complexo em possibilidades e majestoso por sua arte. Acredito que algo que nasceu como uma experiência, tenha se tornado pioneiro, ou no mínimo excêntrico, para o campo das artes e da história.

Acredito que mais do que um e-book, textos, vídeos, fotos e análises, todo o projeto me gerou um crescimento pessoal. Como morador da cidade conheci e visitei lugares que jamais imaginava pertencerem aos meus “domínios”. Como cidadão ampliei a percepção de erros e acertos. Como fotógrafo passei a confiar mais no meu olhar, vendo a câmera como uma ponte, apenas. Trabalhei em equipe e fiz parcerias que também puderam crescer e explorar novas possibilidades, pois é disso que se trata uma cidade, estarmos juntos, conectados em uma rede de apoio buscando melhorias em nosso coletivo.

8.

Bibliografia

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Editora Nova Fronteira, 2018.

BRIDGER, Darren. **Neuromarketing: Como a neurociência aliada ao design pode aumentar o engajamento e a influência sobre os consumidores**. São Paulo: Autêntica Business, 2018

FERREIRA, Denison da Silva. **Território, territorialidade e seus múltiplos enfoques na ciência geográfica**. 2019-2020

FOTOGRAFIA manual completo de arte e técnica. Abril Cultural, 1978.

FOUCAULT, Michel. **O Corpo Utópico, As Heterotopias**. São Paulo: n-1 edições, 2013.

HOLZER, Werther. **O conceito de lugar na Geografia cultural-humanista: uma contribuição para a Geografia contemporânea**. Rio de Janeiro: GEOgraphia, 2003.

Marc Ferrez. **IMS - Instituto Moreira Salles**. Disponível em: <https://ims.com.br/2017/08/28/sobre-marc-ferrez/>. Acesso em: 30 de jul. 2022.

PEREIRA, Felipe. **Levantamento compara preços de e-books e livros físicos**. 02 de nov. 2017. Disponível em: <https://www.digai.com.br/2017/11/levantamento-preco-ebooks-livros-fisicos/>. Acessado em: 03 ago. 2022.

Prêmio da Unesco: oportunidade histórica para o Rio.

Disponível em:

<https://caubr.gov.br/artigos/premio-da-unesco-oportunidade-historica-para-o-rio/>. Acesso em: 03 de ago. 2022.

Rio de Janeiro: Carioca Landscapes between the Mountain and the Sea. Disponível em:

<https://whc.unesco.org/en/list/1100/>. Acesso em: 03 de ago. 2022.

SÁ, Eduardo Costa. **Síndrome da visão do computador e função visual em trabalhadores usuários de computador de um hospital público universitário de São Paulo: prevalência e fatores associados.** São Paulo: USP, 2016

SABINO, Anderson e SIMÕES, Robson. **Geografia e arqueologia: uma visão do conceito de rugosidades de Milton Santos.** Campinas: LAP/NEPAM/UNICAMP, 2013.

SAMARA, Timothy. **Grid. Construção e Desconstrução.** São Paulo: Cosac Naify, 2007.

SILVA, Ruy Souza. **O Largo do Paço Imagem e História.** Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio, 2014.

TUNHAS, Paulo. Verbetes In: Dicionário de Filosofia Moral e Política, Instituto de Filosofia da Linguagem, 2018 PDF (<http://www.dicionariofmp-ifilnova.pt/wp-content/uploads/2019/07/Utopia.pdf>)

Vendas de livros eletrônicos crescem 83% em 2020 na comparação com ano anterior. **CNN Brasil.** 02 jul. 2017.

Business. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/business/vendas-de-livros-eletronicos-crescem-83-em-2020-na-comparacao-com-ano-anterior/>.

Acesso em: 03 ago. 2022.

Lista de figuras.

1. Gravura Largo do paço
2. Foto Av. Rio Branco
3. Boulevard olímpico
4. Largo da Carioca
5. Arcos da Lapa
6. Bonde de Santa Teresa
7. VLT
8. Chafariz Mestre Valentim
9. Extra Boulevard, antiga fábrica de tecidos
10. Pira e Candelária, destaque para casal que usa a base da pira como moradia
11. Koen Wessing: Nicarágua, o exército em patrulha nas ruas
12. Augusto Malta, Morro do Castelo
13. Charles Clifford: Alhambra
14. Marc Ferrez, Obras para melhorar o abastecimento do Rio de Janeiro
15. Jean Baptiste Debret, Cerimônia de aclamação de D.João VI
16. Thierry Frères, Negros de carro e barco brasileiro
17. Marc Ferrez, Aqueduto da Santa Teresa
18. Augusto Malta, Igreja de São Sebastião
19. As passagens da história (versão 1)
20. As passagens da história (versão 2)
21. As fábricas “de” Rio
22. Antes e depois de O servente
23. Grid de texto
24. Grid de imagem e texto
25. Exemplo de grid aplicado
26. Blocos de pedra
27. Estação de bonde
28. Prédios
29. Primeira versão do formato da primeira página do capítulo
30. Primeira versão da página “você sabia”
31. Versão em formato de catálogo da página “você sabia?”
32. Primeira versão em formato de catálogo - página da foto
33. Momento de registro no centro da cidade
34. Pesquisa de fotos no Arquivo Nacional
35. Pesquisa de fotos no Arquivo Nacional

36. Trabalho de campo com turmas de geografia e história para entender os pontos estudados
37. Trabalho de campo com turmas de geografia e história para entender os pontos estudados
38. Livro Outeiro Da Glória
39. Livro Outeiro Da Glória
40. Livro Martius
41. Livro Martius
42. Livro Martius
43. Livro O Rio antes do Rio
44. Livro O Rio antes do Rio
45. Livro O Rio antes do Rio
46. Informativos sobre a cidade
47. Informativos sobre a cidade
48. Informativos sobre a cidade
49. Quadro George Gershwin, an American in Paris
50. Livro Necropolítica
51. Sinalizações da cidade
52. Sinalizações da cidade
53. E-book Visual communication
54. E-book Visual communication